

Trazendo a lavoura para o centro da cidade

19 ABR 1997 CORREIO BRAZILIENSE

Carlos Moura

Igor Germano

Da equipe do Correio

O coração do homem do campo ainda bate forte na cidade grande. No Plano Piloto e em Ceilândia, há exemplos de antigos agricultores que não perderam os vínculos com a terra depois que mudaram para o ambiente urbano. Mesmo cercados por asfalto e concreto, eles arregaçaram as mangas, pegaram a enxada e semearam a terra. A idéia desses saudosos caipiras prosperou nos lugares mais inusitados.

“Esta é a minha roça”, afirma cheio de orgulho o taxista Levy Silva, de 60 anos. O ponto de táxi da 404 Sul, onde trabalha, chama a atenção de longe. Todos os espaços em volta dos carros estão tomados pelos mais variados tipos de plantas.

Há 15 anos, quando chegou na quadra, Levy resolveu aproveitar as horas vagas para exercitar o que aprendeu na infância em Patos de Minas. “Desde pequeno trabalho com agricultura”, lembra Levy. A plantação na 404 Sul começou devagar, com um singelo abacateiro. De semente em semente, a variedade foi aumentando. Hoje, o taxista perde o fôlego enquanto enumera o que já plantou: feijão, milho, pinha, mastruz, manga, abacate, mamão, figo, ameixa e capim santo.

“Os moradores que passam por aqui costumam elogiar a plantação”, conta o taxista José Apolinário, 48 anos, que trabalha no mesmo ponto.

“Alguns pedem para colher alguma coisa, outros arrancam as plantas. A gente cuida da terra mais pelo prazer mesmo.”

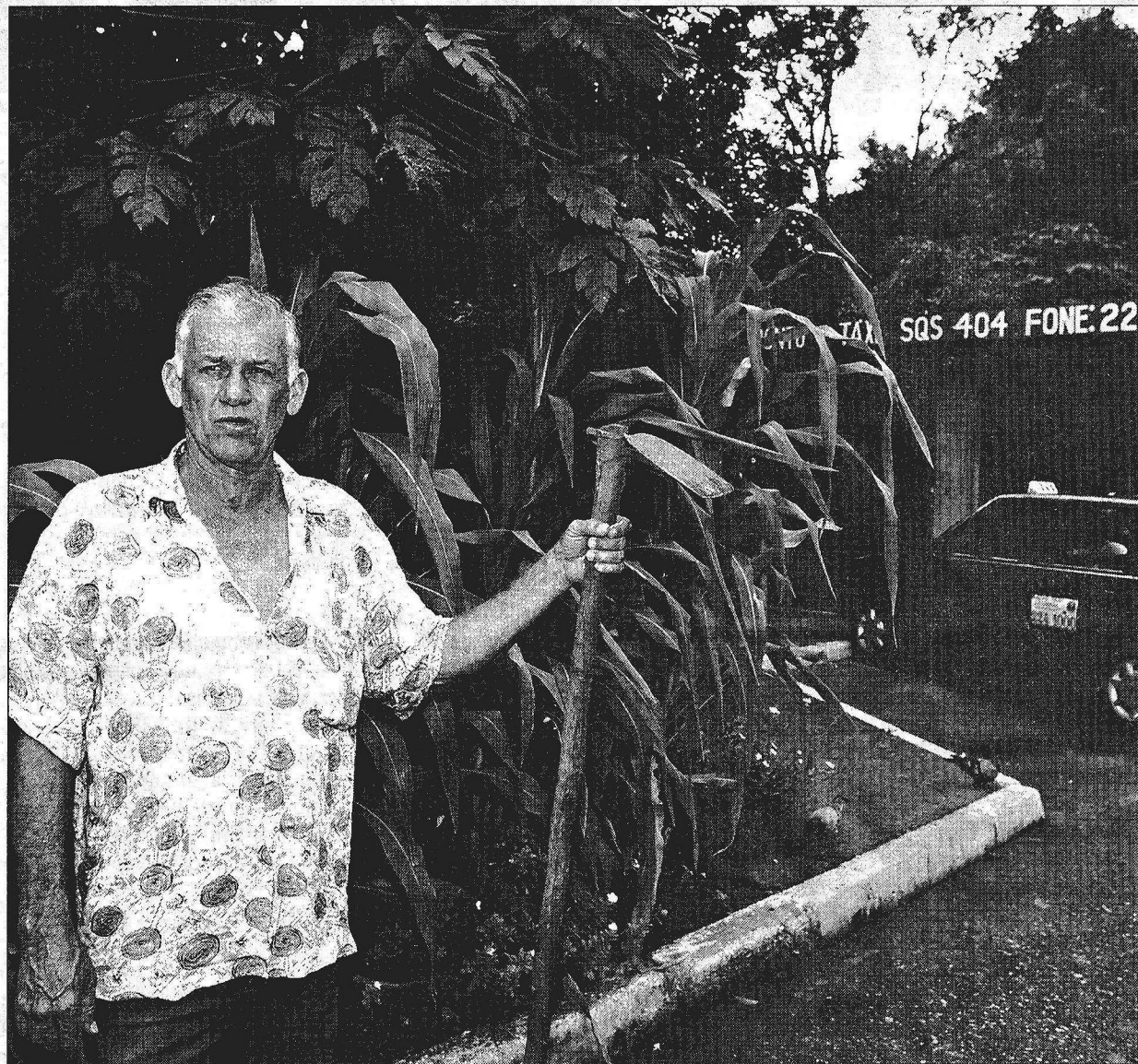
Em Ceilândia, o comerciante Ernesto Souza Oliveira, 55 anos, resolveu começar uma plantação em frente de casa, na área verde entre a pista principal da expansão do Setor O. “Eu pedi para o *caboclo* lá da administração e ele autorizou o plantio”, conta Ernesto.

Ele parece não ter perdido as características do agricultor que por muito tempo cuidou de uma fazenda em Unaí. “Antes, o povo jogava entulho aqui em frente de casa”, explica. “Eu fui *cavucando*, *cavucando*, até ficar com dor nas costas. *Cavuquei* a terra e arranquei todas as *puvriqueira*. A sujeira encheu mais de um caminhão.”

Depois de “cavucar” a terra, o comerciante plantou milho, feijão, laranja, batata, mandioca e maracujá. Com planos de reformar as instalações do bar que funciona na própria casa e ao mesmo tempo atrair mais clientes, ele gastou R\$ 300,00 na limpeza do canteiro.

“Quem faz o lugar são as pessoas. A gente não pode esperar que o governo faça tudo”, afirma Ernesto. “Eu planto porque acho bonito. Já estou até pensando em fazer um jardim de flores.”

Quem estiver interessado em seguir o exemplo de Levy e Ernesto deve ligar para a administração de sua cidade e pedir autorização antes de começar a preparar a terra para o plantio.



O taxista Levy da Silva semeou a terra junto ao ponto do táxi da 404 Sul e hoje colhe de feijão a capim santo